

Especificidade da psicanálise

Maria Luiza Salomão,¹ Franca

Resumo: A autora traz algumas questões que rondam, como espectros, a delimitação do que seria a especificidade da psicanálise. Em torno desse tema não haveria uma nebulosa a tornar opaca a profundidade e a potência analítica da psicanálise na ampliação e expansão dos instrumentos e seu uso na reflexão de experiências emocionais vividas pela dupla analítica? A autora observa a dupla analítica atravessada pela cultura. Questões culturais fervilham neste momento que vivemos, no Brasil e no mundo, e elegi alguns autores para me acompanhar na abertura de uma reflexão, necessária para nosso ofício: afinal, o que é isso, essa tal psicanálise?

Palavras-chave: psicanálise, especificidade, método, experiências emocionais, cultura e indivíduo

*Os “tempos mudaram”, querendo dizer que algo vivemos, e hoje não mais.
Algo tivemos, e não temos mais. O que mudou?
– Fomos mudados.*

*O que é bom, já que tudo muda mesmo. Cabelos, pele, articulações,
tamanho e safadeza. Tudo muda, tudo passa, como as nuvens no céu. Se
aprendemos com a mudança, é que é. Ou não é.*

*Não é culpa do tempo, mas de quem o usa. Se aprendemos, o tempo se
transforma em experiência, memória, em extrato vivo encarnado – sangue,
sentimento, espiritualidade. O tempo consiste – materializado em rugas,
substância, singularidade, história.*

*Mas, se digo “os tempos que mudam lá fora”, o tempo volatiliza... abstrai.
O tempo nos marca, sim, indiferente à inconsciência da sua passagem, tatu-
ado no corpo, materializado em cicatrizes. E na alma? Se nada apreendi, se
nada se transformou na sua passagem, como o tempo tatua a alma?*

*Ando desconfiando que amarga o rastro de um “nada”, como uma roupa
esquecida no armário que, cheia de traças e mofo, se decompõe.
(Salomão, 2023)*

Os olhos que miram meu quintal são os mesmos que miram o mundo que me cerca.

Como delimitamos uma disciplina? Na metáfora proposta pela Carta-convite deste número do *Jornal de Psicanálise*, como sabemos do nosso quintal?

Um analista, certa vez, fez um discurso, programático, sobre a “especificidade” da psicanálise. Estava irado por ver nos trabalhos da nossa instituição, SBPSP, como se fora uma “moda”, a linguagem usada, as citações literárias e as fronteiras da psicanálise exageradamente tendentes para a arte, e outras disciplinas afins.

Tive dificuldades em identificar os destinatários de seu discurso (não me identifiquei, nem vesti a carapuça) – com quem ele falava naquele momento?

Desde então (lá se vão vinte anos) eu reflito ora acreditando que sim, ora que não, sobre o sentido daquela “explosão”, que me pareceu intempestiva. Guardei, porém, a questão, que me pareceu ao mesmo tempo subjetiva e institucional, política.

Cogitei em que a atmosfera (bélica?) tinha a ver com destinatários, para mim não identificáveis na época, talvez até com a interioridade do próprio analista que discursava. Refleti sobre suas posições, em minha análise (então didática) e com outras pessoas, que estranharam a veemência de seu discurso, por se tratar de pessoa pública, afável, que assumira diversos cargos de gestão institucional psicanalítica.

O que guardei dessa situação:

1. Uma crítica (negativa) à prática de uma psicanálise que se afastara de sua especificidade, de seu quintal, ao se ligar à arte e à poesia...

2. Para esse psicanalista, os conceitos usados nos trabalhos – ditos psicanalíticos – não continham definições claras e delimitadas, de fenômenos irrefutáveis, sob a ótica psicanalítica.

Em oposição a esse modo de pensar – que talvez seja um modo de pensar a psicanálise não somente dele –, penso que todos os conceitos psicanalíticos são complexos, e criam o que Bion descreveu como “penumbra de associações”. Nem tanto ao mar, nem tanto à terra, mas à praia, que traz ondas para a areia e recua na maré baixa. Estou tomando explicitamente o conceito de espaço transicional, de Winnicott.

Minha experiência poderia pegar outro caminho, nefasto, caso eu tivesse sido tomada pela ideia de estar fugindo da especificidade do campo analítico, como norma, e tivesse desistido de uma maneira de trabalhar-pensar-publicar genuína, o que seria uma *deformação* (Azevedo, 2022) perigosa na minha clínica, prejudicando minha postura crítica e investigativa, características imprescindíveis para o crescimento emocional, para a minha criatividade, e para o estabelecimento da chamada função psicanalítica, definida por Bion.

Comentei em outro trabalho (Salomão, 2020) um capítulo do livro *Atenção e interpretação*, “O continente e o contido”, no qual Bion me pareceu bastante crítico do ambiente e funcionamento dos grupos dentro das instituições psicanalíticas.

Freud se deu grande liberdade ao pensar a psicanálise, e penso que, como analistas, inauguramos fronteiras, desbravamos territórios desconhecidos tanto quanto ele o fez. Mesmo quando usamos conceitos de diferentes escolas psicanalíticas, estamos permanentemente correndo riscos de distorcer, abstrair um aspecto importante do funcionamento psíquico, em detrimento de outros. Freud alterou vários conceitos seus, ao longo de décadas de investigação.

Na minha opinião, esbarramos, de maneira fértil, com outras disciplinas vizinhas à psicanálise, como a filosofia, a poesia, a literatura, as artes. Sobretudo precisamos usar a própria psicanálise para pensar as instituições psicanalíticas e sua política institucional.

A formação, tal como eu a experienciei, ampliou meu olhar. Tive necessidade, paralelamente à programação curricular do Instituto Durval Marcondes, de fazer um curso de história da arte, e também de estudar literatura em um grupo de estudos com Yudith Rosenbaum, na interface com a psicanálise. Uma formação paralela aos cursos, além das supervisões e da análise didática, o que enriqueceu minha compreensão da própria metodologia da psicanálise.

Um trecho do Seminário 8 de Bion, do livro *Seminários na Clínica Tavistock*, me fez pensar:

Tenho certeza de que analistas que trabalham com crianças devem estar familiarizados com a situação de terem sentido que o congestionamento real era algo entre os pais da criança, e que a circulação colateral se configurou em mandar a criança para um psicanalista, de tal modo que psicanalista + criança

ficam sendo um tipo de circulação colateral entre algo que permanece fora do relacionamento entre esposa e marido. Essa é uma das complexidades na abordagem psicanalítica... (Bion, 1978/2017, p. 134)

Essa reflexão de Bion – a criança, encaminhada para análise, como “sintoma” para o casal com dificuldades na sua relação – me faz pensar também ser sintomático um congestionamento entre o futuro psicanalista e as instituições psicanalíticas, e das instituições psicanalíticas com a sociedade. A formação reflete, também sintomaticamente, a cultura em que estamos todos imersos.

Ele usa uma metáfora – circulação colateral – para referir-se ao sintoma que leva a criança ao psicanalista, fora da relação parental. Podemos observar que temos “circulações colaterais”, em que conflitos sociais permanecem fora das instituições psicanalíticas.

Bion conclui esse 8. Seminário dizendo: “será inútil que um monte de gente se reúna para discutir sobre teorias kleinianas, ou teorias de outros – será pura perda de tempo, por haver questões muito mais importantes para se pensar, ou mesmo para aprendermos a pensar” (Bion, 1978/2017, p. 135).

Essa conclusão do autor vem num contexto em que Bion reflete sobre as duas Grandes Guerras enfrentadas pela Inglaterra. Bion questiona a participação do seu país e indaga qual o preço que este pagaria por ter saído vitorioso delas.

Bion costuma deixar fios soltos, o que não deixa de ser uma forma de mostrar seu método de trabalhar, para que o leitor, ou os supervisionandos nos seminários clínicos, façam suas associações.

O Bion que leio, o Freud que leio, todos os autores e pensadores da psicanálise estão implicados em um modo de pensar que reflete o modo de sentir e pensar suas vidas e suas histórias. É esse modo de sentir-pensar que constitui o que chamamos de personalidade e como ela conversa com a cultura, que a molda e com a qual vive vicissitudes incontornáveis.

Renato Mezan muito me auxiliou a pensar conceitos psicanalíticos, no início da minha formação.

Os elementos de base a partir dos quais se elabora uma teoria são os conceitos, esses, por sua vez, referem-se, sob a forma da generalidade, a fenômenos ou a processos que têm algo em comum, discernível em cada ocorrência

singular por um procedimento de abstração, que precisamente afasta o que é incomensurável e extrai de uma multiplicidade o fator invariante. A teoria psicanalítica não se desvia desta característica universal: em seus diferentes níveis de distanciamento da experiência, os conceitos por ela articulados denotam aspectos relevantes do seu campo de referência, qual seja, o funcionamento psíquico do ser humano tal como aparece à luz da situação analítica. Ocorre que os conceitos não têm apenas uma função denotativa; a psicanálise nos ensina que a vida psíquica contém uma rica textura de fantasias, e que essas fantasias possuem uma dimensão plástica. O processo primário opera sobre fragmentos de imagens, recompondo-as e organizando-as de modo que formem “cenas”, isto é, situações nas quais personagens interagem, opõem-se, fazem coisas uns com os outros. Nossos sonhos de todas as noites o mostram com clareza. A hipótese que proponho é que, mesmo sob a dimensão mais abstrata dos conceitos teóricos, sujeitos às regras do pensamento racional que a psicanálise designa com o nome de processo secundário, continua a pulsar o lado plástico, sensorial, cênico, que ancora as produções do secundário no terreno movediço do processo secundário. (Mezan, 1995, pp. 9-10)

Mezan esclarece que não está reduzindo os conceitos a fantasias, mas que há figurações que habitam “as mais rarefeitas abstrações da teoria”. Precisamos das figurações para interpretar aquilo que capturamos na comunicação do paciente, assim como para compreender os vários planos de captura de um contorno de um fato psíquico, até para nós mesmos, na sala de análise (associamos imagens, cenas, antes mesmo de interpretar para o paciente).

Penso, com Bion e com Mezan, no processo de criação dos conceitos em psicanálise, em como somos afetados neste processo pelos nossos preconceitos, crenças, por nossa história pessoal, que nos leva a eleger uma escola psicanalítica, e não outra; a considerar aspectos culturais e a abstrair outros; e até a nos “cegar” para situações um tanto óbvias, mas que possam nos deixar constrangidos ou mesmo, inconscientemente, incapazes de pensar a respeito delas, enquanto estamos vivendo-as.

Estou me referindo a questões complexas que atravessam a formação psicanalítica, como, por exemplo, questões políticas, sociais, raciais, que estão inextricavelmente ligadas a nosso cotidiano, envolvendo a dupla analítica e sobre as quais pouco conversamos dentro das instituições psicanalíticas.

No trabalho já citado, “O psicanalista como ser político” (Salomão, 2020), eu me referi à questão do impedimento econômico, dado que a formação dentro da instituição psicanalista é expressivamente onerosa, considerando a desigualdade socioeconômica do Brasil.

Por que é tão difícil pensar na desigualdade social, econômica e cultural dos nossos pacientes (e dos aspirantes à formação psicanalítica) no seio da Instituição Psicanalítica? Com a pandemia que enfrentamos, desde dezembro de 2019, mundial, e desde fevereiro no Brasil, temos que aprender a pensar nisso, finalmente. Pensar também na questão étnica. Na mesa-redonda em que participei, pudemos refletir sobre esta mancha histórica, social, que é a ausência de negros nas Instituições psicanalíticas.

Freud, em meados da primeira década do século passado, nos primeiros congressos de psicanálise, junto com Ferenczi, e outros psicanalistas, inauguraram clínicas populares, facilitando o atendimento aos que não tinham meios de pagar o tratamento psicanalítico. (Salomão, 2020, p. 211)

Percebo, em meus supervisionandos, o mesmo “tabu” – a dificuldade daqueles que iniciam um atendimento no vértice psicanalítico em conversar sobre honorários. Freud alertava para a grande, imensa resistência de todos nós ao tocarmos nos temas relacionados a sexo e dinheiro. Institucionalmente, o tema “dinheiro”, “honorários”, é cuidadosamente evitado. Vale um questionamento vertical e profundo do tema.

Sabemos todos como o convívio institucional apresenta nebulosas: sustenta normas e diretrizes que se congelam em tradições, a serviço da manutenção de um poder institucional. Esse poder cristalizado pode impedir a transmissão de uma psicanálise capaz de sustentar bem-vindas transformações na formação de psicanalistas antenados com seu tempo e espaço.

Bion parecia bastante preocupado com esses “engessamentos” institucionais. Poderia ter sucedido Melanie Klein na diáspora que se estabeleceu na Sociedade Britânica de Psicanálise, no entanto, preferiu mudar-se para os Estados Unidos, preservando sua capacidade de pensar livremente.

Comentei, a convite de Gisèle Brito, no Grupo de Estudos das supervisões de W. Bion, em 28-11-2020, uma supervisão de Bion, classificada por Junqueira de Mattos como Bion A-47. No seu comentário, ao final do

seminário clínico, Bion afirma existir o perigo de a psicanálise se tornar, como um todo, uma paramnésia.

“Para”, etimologicamente, defeito, e mnesis, memória. Bion, nessa afirmação contundente, nos diz que acumular memórias conceituais pode distorcer a investigação, tornando-a antipsicanalítica, no meu entender, já que psicanálise é processo de investigação, e exige rigor na observação e notação.

Nesse sentido, é preciso alargar a percepção dos fenômenos psíquicos, através de contínuo treinamento de observação, e a percepção estará sujeita às transformações culturais pelas quais passam analista e paciente. Se a instituição, por um lado, se faz necessária para pensar o ofício e levando-o a ser referendado nela pelos seus pares, por outro lado, ela mesma, a instituição psicanalítica, pode ser entrave para o desenvolvimento pessoal, livre e investigativo, do analista.

A questão da especificidade da psicanálise

Como pensar em especificidade sem cercarmos nosso quintal, com muros intransponíveis, transformando-o em “torre de cristal”, inacessível, a não ser para eleitos, como se fora uma religião?

Como manter algum grau de especificidade de modo que sua função se mantenha cristalina e flexível, sem que se perca o que a tornou original e transformadora?

Bion diz em *Conversando com Bion: quatro discussões*, 1976: “é um assunto da maior urgência possível que o animal humano possa descobrir que tipo de animal ele é, antes que varra a si mesmo da face da Terra” (1978/1992, p. 19).

O contexto da conversa se refere à diferença entre inteligência e sabedoria.

Podemos perguntar: o que é sabedoria? Qual a potencialidade que tem a psicanálise de nos conferir sabedoria, para que o psicanalista possa trabalhar no sentido de transmiti-la, permitir, favorecer, evocar a sabedoria do paciente? Como usar de sabedoria no convívio com colegas, fortalecendo a instituição e dando a ela sustentação social? Renovando-a, para que possa acompanhar as transformações políticas e culturais, locais e mundiais?

Estamos no campo da ética e também da estética

Eu e uma colega tivemos uma conversa interessante outro dia. Ela estava querendo encontrar uma forma de discriminar o que é e o que não é fake news, nos noticiários das mídias.

Pensei que uso o mesmo método que uso na sala de análise, para discriminar as fake news. Tento discriminar a falsa e a verdadeira notícia, usando da intuição.

Há que ter cuidado para não invadir a mente dos pacientes com uma ideologia e, com isso, trair a função principal do *ser psicanalista*: criar um campo propício para que o paciente distinga o que é ou não fake news. Mas não é fácil.

Uma questão apresentada por Bion (1978/1992, p. 81) mostra o grau de dificuldade: será que algum ser humano pode validar aquilo que pensa ser verdade?

A questão da ideologia passa pela mesma encrenca de como usar a contratransferência, já que ela é inconsciente.

Como parte da condição humana, somos seres cultural e politicamente educados dentro de normas, ideias, que podem caracterizar fanatismos.

Bollas, em seu livro *China em mente*, em que relaciona a mente oriental com a ocidental, tentando pensar no que chama “ação mental de psicanálise”, pergunta:

Comumente consideramos a morte como o maior tabu social, mas o fato é que parecemos não ter dificuldade de pensar ou escrever sobre ela. Afirmamos que ela é o aspecto mais difícil da nossa vida, viver sob a sombra da morte. Mas é assim mesmo? Não existe uma aversão muito mais poderosa de pensar sobre aquela *outra* parte de nossa vida: as coletividades que têm tanta influência sobre nossa existência? (Bollas, 2022, p. 115)

O que aconteceu, ao longo de gerações de psicanalistas, depois de Freud, para quem o psíquico é constituído pela cultura, para que falar sobre a coletividade parece ser equivalente a transgredir a especificidade do nosso estudo?

Bollas aponta uma ética:

Pensar sobre o grande grupo, então, é pensar sobre uma entidade cuja subjacente natureza psicótica, na melhor das hipóteses, é mantida sob controle através de uma enormidade de prazeres apaziguadores. As narrativas que preferimos são aquelas da evolução dos grupos étnicos e depois das nações, a história das ideias, do comércio e dos negócios, de monarcas e governantes, de figuras religiosas e protótipos da virtude, da invenção científica e das conquistas artísticas. Nós nos esquivamos da outra história do nosso mundo. Fazemos isso porque essa outra história é um conjunto de destrutividade onipresente, de genocídio contínuo de um grupo sobre o outro. É a história sombria do ódio humano, pobremente retratada em livros e, em geral, deixada de lado por aqueles cujos ancestrais perpetraram a perseguição e o genocídio: para aqueles de nós que estão dispostos a enfrentar esse fato ele se apresenta assustadoramente perturbador. (Bollas, 2022, p. 116)

Estamos vendo a sociedade civil se movendo no sentido de denunciar a homofobia, o feminicídio, a discriminação salarial das mulheres, os negros se organizando crescentemente para poder – em poesia e em história – denunciar a escravidão e o legado que deixou nas gerações desde a chamada “abolição dos escravos”.

Felizmente, algumas instituições têm sido porosas às manifestações culturais, não somente no Brasil, mas no mundo.

Na nossa instituição, temos o Projeto Virgínia Bicudo, do qual participo como representante da Diretoria Regional, que tem promovido o letramento da Comissão que organiza eventos e promove, por sua vez, o letramento dos membros da Sociedade para buscar uma forma de integrar negros, índios e refugiados ao corpo societário. Um trabalho ainda lento, a demandar reflexão e disponibilidade não só para abrir cotas para esses grupos de pessoas quase inexistentes na nossa Sociedade de São Paulo. Mas também para permitir que – caso adentrem a instituição – tenham acesso às análises didáticas, participação em seminários, uma recepção e um investimento, dado que são grupos que não tiveram as mesmas oportunidades que os brancos, grupo majoritário e privilegiado desde sempre. Não nos esqueçamos de que um dos maiores escritores do Brasil, fundador da Academia Brasileira de Letras, teve durante décadas sua fotografia retocada na cor da pele, por ser de ascendência negra (Machado de Assis).

Há necessidade de re-conhecermos as vozes daqueles que sofrem na pele o racismo, a discriminação, para pensarmos em propostas que viabilizem mais diversidade na nossa Sociedade.

É da especificidade da psicanálise pensar esses aspectos penumbrosos? Difícil negar. Sigo Bollas em uma consideração importante nesse livro *China em mente*:

Quando elementos da psicologia das massas não são meramente reprimidos, mas alucinados negativamente, então, em vez de derivativos de tais ações, o que se sucede é a existência de um “nada”. Mas um “nada” que é agora uma coisa; a presença ativa de uma zona mortífera na mente. Isso significa que o self do grupo é incapaz de lidar com essa preocupação, porque a mente eliminou sua capacidade de pensar o pensado. Alucinação negativa não é simplesmente não ver alguma coisa, ela priva a mente do aparato perceptivo responsável pela percepção. Diferentemente da repressão, essa forma de defesa tem um efeito de rebaixamento das capacidades intelectuais e perceptivas da mente em implicar-se a pensar pensamentos que podem ser vitais para a sobrevivência da espécie. Sendo direto, o uso repetitivo da alucinação negativa produz uma mente psicótica incapaz de perceber a realidade, e muito menos lidar com ela. (Bollas, pp. 117-118)

Não tem sido tarefa fácil pensar essas questões que estão na mentalidade deste Brasil do século 21, e a clínica em nossos consultórios tem tido uma demanda ampliada, pós-pandemia.

Não somente o vírus covid-19 está ainda circulando, mas há um temor em muitos psicanalistas de que o dispositivo usado durante a pandemia, o atendimento online, possa ter abalado também a especificidade de nosso atendimento.

Não é a minha experiência, contudo, atendendo pacientes de cidades próximas de onde moro e, sobretudo por conta da pandemia, outras pessoas, de cidades distantes que não poderão ser atendidas presencialmente.

Abro um parêntese para pensar no chamado *setting* analítico. Antes mesmo de desejar tornar-me psicanalista, José Bleger (1977) trouxe questionamentos que muito me influenciaram sobre o específico *setting* analítico, quando da leitura do capítulo 6 do livro *Simbiose e ambiguidade*, “Psicanálise do enquadramento psicanalítico”.

Bleger traz uma tese interessante para problematizar o setting. O autor denomina setting aquele que funda o que não deveria, idealmente, variar – espaço, tempo, honorários, o uso de divã, interrupções para férias, enfim, tudo aquilo que é definido pelo psicanalista e que, supostamente, não deveria variar para que o processo analítico se desenvolva.

Em uma suposta análise “ideal”, muito entre aspas, o enquadre, ou o setting, não deveria ser problema. Mas, argumenta Bleger, passa a ser problema quando se sabe que não há análise ideal. Diz Bleger: “Uma relação que se prolonga durante anos, com a manutenção de um conjunto de normas ou atitudes, não é outra coisa senão a própria definição de uma instituição” (1977, p. 312). O casamento, neste sentido, é uma instituição, sigo o pensar de Bleger.

Bleger tenta mostrar que o enquadre é uma instituição, e é uma parte da personalidade do indivíduo. Essa parte – instituída – é parte da identidade pessoal, e revela a pertinência da personalidade a um grupo, ideologia, partido. O enquadre tende a ser invariável e mudo. E é essa “mudez” do enquadre que Bleger associa a um aspecto primitivo, a uma simbiose, que só se manifesta e se revela quando esta relação simbiótica se rompe ou ameaça se romper. É uma organização indiferenciada, o que só é apercebido quando ela falta.

Dá como exemplo a ultrasensibilidade que o psicótico tem quando há alguma infração de qualquer detalhe do enquadre, do setting. O psicótico pode negar a presença do analista; na transferência psicótica não há transferência de afeto, mas transferência do que ele chama “totalidade do não desenvolvimento”.

Considerando que o enquadre é implícito, dá sustentação, ele funciona como um “baluarte” (cita o casal Baranger, que desenvolveu esse conceito), e o enquadre se torna o depositário da simbiose. Esse instituído seria o depositário da parte psicótica da personalidade, dos vínculos simbióticos primitivos. Ele seria mantido por clivagem entre a parte neurótica e a parte psicótica da personalidade, afirma Bleger.

Qualquer variação do enquadre desmente essa relação fusional, e ativa defesas do Eu para imobilizar ou reprojeter a parte psicótica. Daí que o Eu se torna “adaptado”, como forma de pertinência, de inclusão na instituição.

Bleger afirma que os pacientes trazem interpretações do enquadre, e se este não for interpretado torna-se possível acobertar a transferência psicótica que mantém um estado fusional, primitivo, com o corpo da mãe.

Conclui dizendo que o enquadre só poderia ser analisado dentro do enquadre do analista. Ou seja, o analista fica como o guardião da invariabilidade do enquadre – que não pode ser ambíguo, cambiante, alterado.

Penso que a pandemia nos levou a esse novo enquadre, e cada psicanalista foi chamado a repensar cada vínculo com um específico paciente, observando as variações que a mudança do enquadre provocou, ao dar continuidade ao processo analítico não mais presencialmente, mas online.

Cada analista teve que lidar – em si mesmo – com novos parâmetros de observação e de como se sentia diante dos pacientes; registrar aqueles que aderiram “de pronto”, e aqueles que resistiram; os que abandonaram o tratamento.

Acompanhei algumas lives propondo pensar sobre o assunto, e pude verificar que os psicanalistas dividiram-se entre os que não se adaptaram ao tratamento virtual, online, e os que conseguiram dar seguimento ao trabalho. Alguns tornaram o tratamento “híbrido”, disponibilizando o tratamento presencial e online.

Considerando que o enquadre é definido pelo psicanalista, passei a me responsabilizar pelo que me pareceu ser um trabalho com capacidade de captura do fato psíquico.

Os pacientes, eu observo, comentam sobre o atendimento online, como comentavam sobre a silenciosa rua do meu consultório, o meu jardim à porta da sala de análise, os passarinhos que ali pousam, as flores que ali desabrocham.

No consultório montado em minha casa, ouvem latidos dos meus cães, a chuva que tamborila na cobertura ao lado da janela do meu consultório, o ronco dos automóveis na movimentada avenida onde se localiza minha casa.

Continuo usando o mesmo instrumento que usava presencialmente: a minha personalidade não muda online ou presencialmente. Continuo me perguntando a cada sessão se o trabalho promove o crescimento da dupla analítica, ou não. Até agora, nenhuma demanda de voltar ao consultório físico.

Minha reanálise tem sido online, com grande proveito pessoal. Tenho pensado sobre as vicissitudes dos analistas em usar o tratamento, já que há uma grande probabilidade de que essa forma de atendimento virtual continuará existindo. A tecnologia desenvolvida está ao alcance de novas gerações, que veem com muita naturalidade seu uso e não entendem as vicissitudes

por que passam gerações em que o atendimento presencial, instituído por Freud, era a norma.

Luis Claudio Figueiredo (2021), ao pensar sobre essa questão do setting (se poderemos, de fato, contrapor “atendimento virtual” e “atendimento presencial”), propõe distinguir atendimento presencial e atendimento remoto, ao referir-se ao virtual, no seu livro *A mente do psicanalista*, capítulo 5 – “A virtualidade do dispositivo de trabalho psicanalítico e o atendimento remoto”. Uma reflexão em três partes.

Figueiredo retoma o pensamento de Ferenczi, em seu texto clássico *Elasticidade da técnica*, publicado em 1928, gerando controvérsias, posteriormente retomadas por Winnicott, em 1962. De maneira própria, Winnicott disse manter a especificidade da escuta analítica, mesmo quando, por vezes, alterasse a técnica usada na análise clássica, ou padrão. Para Winnicott, as variações do setting se davam em função do quadro, ou situação clínica, apresentada por uma necessidade do paciente, mas não tinha dúvida de que ele era um psicanalista pondo-se na situação clínica, com sua específica escuta, em disponibilidade para as necessidades dos pacientes.

Figueiredo considera, empregando conceitos de Green, o que pode variar no enquadre e o que é constante. O constante, no enquadre, é o núcleo que permite delimitar e configurar territórios que possibilitam a criação de “figuras”, “metáforas”, através das experiências emocionais, que podem permanecer inconscientes.

Corroborando a posição de Bleger, já citado, Figueiredo destaca a importância do “enquadre interior” do analista, a sua “disposição de mente”, na dimensão ética e técnica, em sua capacidade de escuta, sua mente própria (lembrando Caper, 1999, citado em Figueiredo, 2021). Evidentemente, que o analista tem esse enquadre interior definido pela relação que mantém com sua análise pessoal e prática clínica, pelo que define ser psicanálise.

Assim, em uma primeira argumentação, Figueiredo conclui que a capacidade de escuta psicanalítica, seja em análise padrão, seja em uma análise modificada em sua técnica, é um processo que depende da capacidade do analista para a escuta psicanalítica – de sua disposição de mente. Também dependerá da disposição de mente do paciente.

Uma segunda argumentação acurada de Figueiredo está relacionada ao fato de que a pandemia foi um fator externo; antes da pandemia, muitos psicanalistas já vinham atendendo remotamente em função de situações externas – mudança do paciente para outros lugares, ou questões relacionadas

a deslocamentos por conta de trabalho. Na pandemia, o enquadre foi alterado não em função de uma necessidade específica do paciente, mas pela necessidade de dar continuidade ao atendimento, sem contato presencial, por medidas sanitárias.

Isso posto, Figueiredo lança a dúvida: no caso da pandemia, “a invasão externa pode prejudicar o enquadre interior do analista”. Esta questão perpassa algo profundamente subjetivo que é investigar em que medida o analista mantém um vínculo que Figueiredo chama de transferencial com o método psicanalítico; perguntando se o analista teria condições de manter um “vazio interior capaz de recepção e produção”; um “vazio vivo e vitalizado”.

Figueiredo conclui dizendo que essa capacidade depende de a função analítica ser introjetada. Sem isso, nenhum enquadre seria possível, nem na chamada análise padrão, poltrona-divã, presencial, nem em qualquer variante, ou técnica elástica.

Manter-se nessa difícil suspensão, na incerteza e no “não saber”, é tarefa complexa, no definir tempo e espaço reservado para essa escuta psicanalítica. E isso vale também para o paciente, que precisa criar esse espaço-tempo necessário para que haja sonho, associação livre, escuta flutuante.

Figueiredo passa para uma terceira argumentação relacionada a um “excesso de realidade”, que a pandemia trouxe, com seus perigos reais, e perdas reais, instalando medos e angústias, lutos. O autor procura distinguir entre pacientes neuróticos e não neuróticos. Os neuróticos talvez se beneficiassem, diz Figueiredo, com um atendimento virtual “sem imagem”, para que a dupla pudesse sustentar o espaço potencial, como se estivesse o paciente no divã, e o analista fosse “cego”, no sentido dado por Freud, e Bion – sem memória, sem desejo, sem compreensão –, estado difícil de ser mantido não somente pelo paciente, como também pelo analista.

Quanto aos pacientes não neuróticos, que necessitam ser atendidos – mesmo presencialmente – frente a frente, as experiências emocionais são muito profundas (e ele cita o título de um livro de Capier, *Bion and thoughts too deep for words* – Bion e pensamentos profundos demais para serem postos em palavras). Emergem aí experiências emocionais irrepresentáveis e inomináveis. Nessa relação do analista com pacientes não neuróticos, diz Figueiredo, há um excesso de situações alheias causadas pelo próprio dispositivo virtual – notificações, ou invasões de outras pessoas no setting, por conta da dificuldade de o próprio paciente manter a privacidade necessária.

E isso pode provocar dificuldades na manutenção do estado de mente necessário ao analista para escutar e pensar, assim como nas possibilidades associativas do analisando.

Figueiredo também chama atenção para a falta da sensorialidade e todos os seus espectros. Mas traz uma boa reflexão sobre como tanto o excesso como a falta produzem “efeitos na reedição de traumas antigos, na evocação de fantasias arcaicas e no acionamento de defesas das mais variadas”. E isso é tarefa especificamente psicanalítica.

A ressonância de tudo isso que a pandemia trouxe – para o analista e para o analisando – é o que nos deve impressionar e o que nos importa. São essas novas experiências emocionais que vão estar no cenário dessa nossa psicanálise do século 21.

O que Figueiredo conclui, finalmente, é que estamos em meio a uma situação produtora de defesas e resistências, relacionadas a este momento, e que para a qual a psicanálise não tem respostas, mas é um instrumento importante para a investigação e para a ampliação de novos “fachos de escuridão” que permitam definir limites e (por que não?) possibilidades também de atingir analisandos de uma forma que a análise padrão não atingiria.

Há permanentemente um convite desse nosso ofício tão complexo a questionar o que é psicanálise e o que não é, e a aprimorar as condições de uso da mente do analista. Figueiredo parafraseia Freud ao dizer que “tudo o que se faz com base nas noções de inconsciente, sexualidade infantil, repressão (e demais mecanismos de defesa), resistência e transferência, ‘pode se denominar psicanálise, mesmo quando chegue a resultados diferentes dos meus’” (de Freud, 1914, retirado de “Recordar, repetir e elaborar”, citado por Figueiredo, 2021).

Como pensaria Freud se tivesse acesso ao atendimento online. Recusaria? Freud foi a favor de análise leiga, quando havia muitas controvérsias, sustentou ideias e reformulou seus próprios conceitos, quando a prática clínica assim o exigia. Não creio que Freud jogaria fora uma oportunidade de dar seguimento à prática psicanalítica, se visse nela um instrumento capaz de capturar novas formas de interação humana, dessa espécie complexa, capaz de se reinventar.

O espectro da especificidade da psicanálise continua assombrando muitos colegas. Diante disso, não posso deixar de seguir Bion (1985/2017) quando, no Seminário 1 em Roma, dia 08-07-1977, se desculpa por não falar italiano e diz:

Qual é nosso interesse? Para que estamos reunidos aqui? Sobre o que iremos conversar? Poderíamos dizer, é claro, “psicanálise”. No entanto, simplesmente essa palavra não significa nada. É um termo usado quando desejamos “falar sobre isso”, mas não diz o que “isso” é. Não é possível cheirá-la, nem tocá-la, nem olhá-la. É muito difícil, de fato, afirmar qual é o componente sensível da psicanálise. (Bion, 1985/2017)

Não vejo alternativa a não ser compreender que o poeta Manoel de Barros tem mesmo razão – o quintal nosso é maior que o mundo, no sentido de que o mundo está dentro de nós, ao olharmos nosso quintal. Assim como, ao olhar o mundo, é o quintal que nos habita que pode nos fazer reduzi-lo ao tamanho do nosso quintal.

La especificidad del psicoanálisis

Resumen: Mi intención es abordar algunas cuestiones que rodean, como espectros, la delimitación de lo que sería la especificidad del psicoanálisis, y que hacen opaca la reflexión en profundidad sobre lo que la potencia analítica del psicoanálisis puede aportar para ampliar y expandir su instrumentación y uso en la reflexión de experiencias emocionales vividas tanto por el propio analista como por los analizandos, no solo en términos individuales, sino también como seres pertenecientes a un grupo social y cultural. En este momento que vivimos, en Brasil y en el mundo, las cuestiones culturales están en ebullición, y he elegido algunos autores para acompañarme en la apertura de una reflexión necesaria para nuestra profesión: después de todo, ¿qué es esto, este tal psicoanálisis?

Palabras clave: psicoanálisis, especificidad, método, experiencias emocionales, cultura e individuo

The specificity of psychoanalysis

Abstract: I intend to bring up some issues that surround, like specters, the delimitation of what would be the specificity of psychoanalysis, and that make opaque the deep reflection on what the analytical power of psychoanalysis can bring to expand and broaden its instrumentation and use in reflecting emotional experiences lived by both the analyst and the analysands, not only in individual terms but also as beings belonging to a social and cultural group. Cultural issues are boiling in this moment we live in, in Brazil and in the world,

and I have chosen some authors to accompany me in opening a necessary reflection for our profession: after all, what is this thing, psychoanalysis?

Keywords: psychoanalysis, specificity, method, emotional experiences, culture and individual

La spécificité de la psychanalyse

Résumé : Je prévois d'aborder certaines questions qui planent, tels des spectres, sur la délimitation de ce qui serait la spécificité de la psychanalyse, et qui rendent opaque la réflexion en profondeur sur ce que la puissance analytique de la psychanalyse peut apporter pour élargir et développer son instrumentation et son utilisation dans la réflexion des expériences émotionnelles vécues à la fois par l'analyste lui-même et par les analysants, non seulement en termes individuels, mais aussi en tant qu'êtres appartenant à un groupe social et culturel. Des questions culturelles bouillonnent en ce moment que nous vivons, au Brésil et dans le monde, et j'ai choisi certains auteurs pour m'accompagner dans l'ouverture d'une réflexion nécessaire pour notre profession: après tout, qu'est-ce que cette fameuse psychanalyse?

Mots-clés : psychanalyse, spécificité, méthode, vécu émotionnel, culture et individu

Referências

- Azevedo, B. H. (2022). Editorial. Psicanálise em (de)formação. *Jornal de Psicanálise*, 55(103), 13-15.
- Bion, W. R. (1992). *Conversando com Bion, quatro discussões*. Imago. (Trabalho original publicado em 1978)
- Bion, W. R. (2017). *Seminários na Clínica Tavistock*. Blucher. (Trabalho original publicado em 1978)
- Bion, W. R. (2017). *Seminários italianos* (A. G. Growald, Trad.; P. C. Sandler & V. M. da Cruz, Rev. téc.). Blucher. (Trabalho original publicado em 1985)
- Bleger, J. (1977). *Simbiose e ambiguidade*. Francisco Alves.
- Bollas, C. (2022). *China em mente*. Zagodoni.
- Figueiredo, L. C. (2021). *A mente do analista*. Escuta.
- Mezan, R. (1995). *Figuras da teoria psicanalítica*. EDUSP/Escuta.
- Salomão, M. L. (2020). O psicanalista como ser político. *Jornal de Psicanálise*, 53(98), 203-214.
- Salomão, M. L. (2023). Tempos. *Jornal de Franca*, 3 mar. [jornal digital].

Maria Luiza Salomão

Maria Luiza Salomão
sm-salomao@uol.com.br

Recebido em: 5/3/2023

Aceito em: 20/3/2023